

Executivos trocam a sala de reuniões pela de aulas

Rafael Sigollo

Aumento da oferta de cursos faz crescer oportunidades para quem quer se tornar professor

Tendo se planejado ou não para a aposentadoria, quase todos os executivos sofrem quando chega a hora de deixar o mundo corporativo. Afinal, não é fácil, depois de tantos anos, lidar com a mudança no estilo de vida e com a perda do status, do poder e do sobrenome empresarial.

Existem pessoas, no entanto, que rompem com tudo isso e decidem trilhar outro caminho, mesmo com a carreira em ascensão. Por vocação, realização profissional, pessoal e até em busca de melhor qualidade de vida, elas trocam as salas de reunião pelas salas de aula.

Com o aquecimento da economia, a falta de mão de obra qualificada e o aumento da disputa pelos melhores talentos nas empresas, muitas instituições de ensino têm investido na criação e na expansão de cursos de especialização e de MBA, além de verem disparar a procura por programas customizados.

Esse ambiente favorável aumenta a demanda por professores com experiência no mundo corporativo, o que facilita a transição de carreira de um executivo que deseja se tornar mestre em tempo integral. Para que esse movimento seja consistente e duradouro, contudo, é preciso haver planejamento e dedicação.

De acordo com especialistas, a entrada na vida acadêmica deve ocorrer aos poucos. O caminho mais comum é o profissional concluir um mestrado e começar a participar de grupos de pesquisa, estudos, fazer palestras e, eventualmente, dar algumas aulas. "Eu me identificava tanto como executiva quanto professora e, nos primeiros anos, levava as duas carreiras paralelamente", afirma Yara Cintra, que trabalhou por 15 anos em empresas como Oi e Vivo.

Ela precisou deixar a docência temporariamente em razão da alta carga de trabalho que tinha na área de controladoria e gerenciamento de projetos, mas, em 2006, decidiu mudar. "Não tinha mais vida pessoal. Acabei investindo no sonho de fazer um doutorado e trabalhar com pesquisa", afirma.

Após concluir a especialização pela FEA-USP, Yara voltou ao Rio de Janeiro, sua terra natal, e começa neste semestre a lecionar na Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (Ebape/FGV). "Encerrei um ciclo e agora estou recomeçando a carreira", afirma.

O professor e coordenador geral dos programas de pós-graduação lato sensu do Insper, Guy Cliquet do Amaral, afirma que as especializações não são obrigatórias para quem quer dar aulas de MBA. A formação acadêmica, no entanto, é essencial para ampliar os horizontes dos profissionais. "Por mais experiente que seja, o executivo tem conhecimentos focados na sua área de atuação. Para ensinar, no entanto, é preciso ir além e ser mais abrangente", ressalta.

Engenheiro de formação pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), Amaral trabalhou por 25 anos nas áreas metalúrgica e de software, quando migrou para a academia, em 2008. "A transição durou cerca de cinco anos. Trabalhava como executivo durante o dia e dava aulas de pós-graduação à noite", conta.

Segundo ele, um bom professor deve dedicar tempo para se especializar, se atualizar, preparar aulas, dar feedback para os alunos, fazer pesquisas e estudar casos. "Com o tempo, fica difícil conciliar tudo isso com a carreira corporativa e é preciso tomar uma decisão", diz. O número total de professores do Insper cresceu 12% de 2010 para este ano.

Na opinião de José Augusto Minarelli, presidente da Lens & Minarelli e especialista em aconselhamento executivo e transição de carreira, é essencial que o executivo experimente o

ambiente educacional para confirmar uma possível vocação para ensinar. "Se o profissional sente que pode se realizar nessa função, ele deve conversar com colegas que já fazem isso. Além de investir na própria formação, é importante assistir aulas e sentir como é o trabalho dando cursos pontuais e aceitando substituir outros professores", afirma.

Minarelli ressalta, no entanto, que na maior parte das vezes os executivos encaram o ato de dar aulas como um plano B ou como um complemento de renda. "Difícilmente eles pensam em trocar uma atividade pela outra, especialmente se ainda está construindo seu patrimônio e precisa sustentar a família", revela.

Por conta disso, o diretor de produtos e programas da HSM Educação, Fernando Serra, admite que sua decisão de mudar de vida foi mais intuitiva que racional. Engenheiro, ele atuou por mais de 15 anos em empresas nacionais e multinacionais, sendo que os últimos 4 passou em Portugal como diretor técnico de uma organização.

"Voltei ao Brasil e sabia que aquela era a hora de mudar, de ser mais dono da minha vida. Então, aos 38 anos de idade, decidi ser professor", lembra. A partir daí, Serra concluiu diversas especializações, escreveu livros, deu aulas e organizou cursos de pós-graduação. "Foi um período de sacrifícios inclusive para a família, pois era impossível manter o mesmo padrão de vida de quando era executivo. Além do cartão de visitas, você também perde o cartão de crédito", brinca. Mesmo assim, ele garante que, embora prematura, sua decisão foi acertada. "Demorei dez anos para chegar onde eu queria e nunca tive dúvidas de que esse era o meu caminho", diz.

Hoje, a rede da HSM Educação tem 108 professores e, segundo a instituição, a contratação de novos profissionais vai depender do andamento dos cursos e da expansão das universidades associadas.

Haroldo Vale Mota, professor da área de finanças da Fundação Dom Cabral, concorda que existe uma perda nos rendimentos, mas que as escolas de negócios evoluíram muito nos últimos anos, inclusive na remuneração ao corpo docente. "Mas é claro que tudo varia de acordo com a qualidade das aulas desse profissional e o peso que ele tem, tanto no meio acadêmico quanto no corporativo", diz. Embora nenhuma das escolas consultadas tenha revelado valores, estima-se que a remuneração de um professor de pós-graduação, mestrado ou MBA fique entre R\$ 200 e R\$ 380 por hora/aula.

Executivo por mais de duas décadas atuando principalmente na diretoria financeira de multinacionais do segmento de telecomunicações, Mota equilibrou as responsabilidades empresariais com o magistério, que funcionou como uma espécie de hobby, por oito anos.

No entanto, começou a perceber que a exigência dos alunos estava aumentando e suas aulas já não faziam o mesmo sucesso de antes. "Não sobrava tempo para preparar melhor as aulas e conclui que não dava para continuar no mesmo ritmo. Tinha de abandonar uma das duas carreiras e pensar mais profundamente sobre em qual delas eu era mais feliz", lembra.

Mesmo sabendo que era como professor que se realizava profissionalmente, Mota ainda levou seis meses para tomar coragem e deixar para trás, aos 44 anos de idade, seu papel de executivo. Acadêmico em tempo integral desde 2003, Mota hoje desenvolve e aplica programas customizados para empresas. "Trabalho tanto ou mais que antes, mas sem o estresse, a pressão e as metas malucas", diz.

Já Leda Machado fez o caminho inverso. Como tinha o objetivo de seguir carreira acadêmica, ela fez diversas especializações fora do país e deu aulas por três anos até ser convidada para assumir a direção de recursos humanos em uma companhia. Aceitou o desafio, mas sem abandonar as salas de aula. "Embora sejam papéis que exigem uma postura diferente, as duas atividades se complementam. É o melhor dos mundos quando você consegue equilibrar teoria e prática".

Com o tempo, Leda acabou dando mais atenção à vida executiva, mas, recentemente, voltou com força total para o ensino executivo. Após trabalhar em organizações como Ernst & Young, Eaton Corporation e American Tower, hoje, ela se divide em cursos de MBA customizados, internacionais e abertos na FGV, FIA e HSM. "Vivi as dificuldades e os êxitos que passo nas aulas. A troca de experiências com a geração mais jovem é muito rica", afirma.

Na opinião de Guy Cliquet do Amaral, do Insper, uma das maiores motivações para lecionar é poder multiplicar o conhecimento, influenciar pessoas de maneira positiva e contribuir para o aprendizado. "É muito gratificante ver um aluno executar em seu ambiente o que foi discutido na aula. Melhor ainda é que ele não está cumprindo ordens, mas faz isso porque acredita no que foi ensinado", ressalta.

Haroldo Mota, da Fundação Dom Cabral, destaca o dinamismo, a variação de assuntos e a flexibilidade como pontos positivos de ser professor. "Faço meu próprio horário, preparo em casa os programas e as aulas e encontro realidades diferentes em cada empresa que atuo", diz.

Fernando Serra, da HSM Educação, por sua vez, acrescenta a longevidade como uma das maiores vantagens da carreira acadêmica. "Esta é uma área em que, se você estiver sempre atualizado e estudando, nunca vai parar de trabalhar. Para quem gosta do que faz, não existe nada melhor que isso."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 29 ago. 2011, Eu & Investimentos, p. D10.